

## Compositores da Paraíba pelo *Quinteto Brassil*

**Pauxy Gentil-Nunes (UFRJ)**

De algumas décadas para cá, a produção de música de concerto brasileira tem apresentado uma saudável descentralização. O eixo Rio-São Paulo, que servia como ponto de irradiação de tendências estéticas externas para todo o País, agora se vê dialogando com outros centros, que se apresentam e se fortalecem. Por um lado, situava-se ali a maior parte da informação e dos recursos; a troca com o ‘primeiro’ mundo era maior. Por outro, mantinham-se tanto a prolongada condição do fascínio por ‘espelhos’ e ‘apitos’ quanto o acalentado sonho de um dia poder recriar no trópico a nova (sub) Europa.

Hoje, crises institucionais e financeiras globais revelam a fragilidade dos paradigmas que sustentaram essa relação de dependência. A radicalização dos processos de globalização conduziu ao seu próprio desvelamento. Mesmo que ainda dominantes, as linhas mestras da mítica já podem ser questionadas.

Por trás dessa mudança, uma ideia necessária é constituída para a superação do encantamento e da ilusoriedade: a autoestima.

Essa ideia resume com propriedade a impressão deixada pelo concerto *Brassil interpreta compositores da Paraíba*, resultado de uma feliz associação entre o COMPOMUS – Laboratório de Composição Musical da Paraíba – e o *Brassil* – grupo formado por quinteto de metais e mais percussão, que dá nome ao espetáculo. Fala-se, aqui, do concerto realizado em dezembro de 2008, na UNIRIO – Sala Villa-Lobos, como parte da turnê de lançamento do CD homônimo, que

reúne uma produção expressiva de importantes compositores ligados ao Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba.

O grupo *Brassil*, formado por experientes músicos, com carreira sólida e mais de 30 anos de trabalho, encontra no COMPOMUS a parceria perfeita. Percebe-se o envolvimento dos instrumentistas com o projeto, em um nível mais profundo que o de simples executantes. Sua atuação é precisa, intensa e envolvente, e parece atender de forma completa às necessidades do repertório proposto. Músicos convidados, como José Henrique Martins (piano) e Dennis Bulhões (percussão), participam do espetáculo de forma totalmente integrada ao quinteto, apresentando alguns solos brilhantes.

O repertório do concerto apresenta um panorama de propostas estéticas e formais bastante variadas. Algumas são claramente tributárias a teorias estéticas já conhecidas e vindas do Exterior, como o espectralismo (caso de *Chamber Echo*, de Marcílio Onofre) e o pós-tonalismo (como em *Intensificações*, de José Orlando Alves). No entanto, a forma com que esses e outros procedimentos são usados, bem como sua combinação com outras técnicas, faz com que as diferenças entre peças sejam mais complementares que contraditórias, e uma clara unidade é percebida na configuração do conjunto. A unidade é alcançada, principalmente, pela riqueza na exploração de propostas texturais muito definidas, pelo uso de polos de altura (modais principalmente) e pela intensa exploração rítmica. Características que produzem uma combinação rara de consistência e comunicabilidade.



No caso das peças citadas (*Chamber Eco* e *Intensificações*), a clareza do discurso é gerada pela aplicação de ideias simples; respectivamente, o esgarçamento dos componentes espectrais de uma única altura e a contraposição de ideias texturais contrastantes. Assim como em *Nouer II*, de Eli-Eri Moura, em que, a princípio, os instrumentos articulam planos sonoros rítmicos e tímbricos completamente distintos que, aos poucos, vão interagindo e se misturando. A mesma clareza é vista em *Daedalus*, de Ticiano Rocha, no jogo entre a homoritmia dos blocos harmônicos e a tensa polifonia cerrada, em que as imitações ocorrem com diferenças temporais mínimas, quase heterofônicas. É o mesmo tipo de tensão que ocorre em *Luares de Intermares*, de Wilson Guerreiro, em que o instigante tema final, articulado em blocos, é acompanhado por outra massa sonora, em forte contraposição rítmica.

Outras peças, ainda que apresentem uma configuração textural mais tradicional, conectam-se com o repertório através de seu tratamento harmônico. A inflexão modal é parte de uma exploração mais ampla, que está ligada ora à harmonia acústica, ora ao pós-tonalismo, promovendo uma aproximação oportuna entre os dois universos. O resultado acaba por referir-se também a estilos de harmonização da música brasileira, que têm em comum o uso dos modos, misturados com ampliações cromáticas. *Lied*, de Didier Guigue, com seu tema inicial em sol eólio, desenvolve-se posteriormente em funções harmônicas progressivamente mais amplas; a própria *Chamber Eco*, de Marcílio

Onofre, em que a estruturação a partir da mesma altura (sol) também dá margem a inflexões modais, ainda que não estejam ligadas necessariamente à proposta básica da obra (na articulação das volatas, por exemplo, algumas em sol frígio). *Daedalus* e *Luares de Intermares*, por outro lado, apresentam expansão cromática dos modos, ligada à harmonia acústica; enquanto o *Quinteto N.º 1*, de Rogério Borges, no qual fica explícito o trabalho a partir de estruturas intervalares predefinidas, apresenta momentos de clara polarização. *Burlesca*, de Kaplan, ainda que seja a peça mais tradicional do repertório, também se utiliza da tonalidade expandida.

Finalmente, o ritmo intenso que permeia todo o repertório é derivado claramente da rítmica da música brasileira. *Luares de Intermares*, aqui, é o melhor exemplo desse aproveitamento, tanto no oportuno uso da percussão, quanto na organização sincopada dos pontos de tempo. Mas mesmo quando é apresentada mais implicitamente, ou seja, apenas como intensidade ou liberdade de movimento, a rítmica regional é identificável: por exemplo, nas vigorosas inflexões de *Nouer II* (na entrada do trombone) e em *Chamber Echo* (em suas irregularidades, que remetem a ritmos improvisados).

A beleza e a importância do trabalho do grupo, somadas a iniciativas notáveis, como a disponibilização de todo o material (partituras e gravações) pela Internet, torna o projeto não só um marco na descentralização da cultura nacional, mas também um modelo a ser seguido por núcleos de todo o País.